

**PARA ALÉM DA NORMATIVIDADE:**  
o olhar dxs revisor @s sobre o léxico que não demarca gênero binário<sup>1</sup>

**BEYOND NORMATIVITY:**  
the reviewers' view of the non-binary gender lexicon

Heitor Pereira de Lima<sup>2</sup>

*Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.*  
Caetano Veloso

## RESUMO

A escrita é o simulacro da sociedade. Ela reproduz, por meio de registros, a temporalidade, os interesses, os conceitos e os preconceitos sociais. Estes últimos contemplam, por exemplo, o binarismo (homem e mulher) construído socialmente e tão presente nos mais diversos textos escritos, reforçando a ideia restritiva da existência única e exclusiva de dois gêneros: macho e fêmea. Assim, existe a necessidade de uma discussão sobre a predominância heteronormativa, de viés machista, em textos e sobre como o olhar sensível do revisor de textos pode contribuir para essas questões contemporâneas. Por isso, pensando nesse papel importantíssimo desenvolvido pelo revisor de textos, este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a postura desse profissional em relação às marcações binárias de gênero em textos variados. Ademais, pretende compreender se a gramática pode ser aliada ou não do discurso, considerando as marcações “e”, “@” e “x” como libertadoras do binarismo machista e contribuir com as discussões sobre discurso machista e binarismo. Dessa forma, este estudo visa questionar quão significativo é contemplar a discursividade em detrimento das normas gramaticais, tendo em vista a existência de pessoas não binárias.

**Palavras-chave:** Binarismo. Gramática. Discursividade.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso: Especialização em Revisão de Textos

<sup>2</sup> Graduado em Letras pela Universidade Ibirapuera e em Pedagogia pela Universidade de Franca. É especialista em Gestão Educacional e Revisão de Textos. E-mail: [hpl190789@gmail.com](mailto:hpl190789@gmail.com)

## ABSTRACT

Writing is the simulacrum of society. It reproduces, through registers, temporality, interests, concepts and social *pre*(concepts). The latter, for example, contemplates binarism (man and woman) socially constructed and so present in the most diverse written texts, reinforcing the restrictive idea of the unique and exclusive existence of two beings: male and female. Thus, there is a need for a discussion of heteronormative predominance, of machista bias, in texts and of how the sensitive look of the reviewer of texts contributes to these contemporary issues. Therefore, thinking about the important role developed by the reviewer of texts, this work has the objective of reflecting on the posture of the reviewer in relation to the markings of binarism in varied texts. In addition, it intends to understand the grammar as allied or not of the discourse, to think of the markings "and", "@" and "x" as liberators of the macho binarism and to contribute with the discussions on masculine discourse and binarism. Thus, this study aims to question how significant it is to contemplate discursiveness in detriment of grammatical norms, in view of non-binary people.

**Keywords:** Binarism. Grammar. Discursiveness.

## 1 INTRODUÇÃO

Na língua portuguesa só há representatividade para os seres do sexo masculino e feminino, os *cis*.<sup>3</sup> Isso exclui completamente aqueles que não se *encaixam* nesse binarismo construído socialmente. Além das representações pronominais do binarismo (ele/ela, por exemplo), a maioria das adjetivações também endossam o espaço, exclusivo, do homem e da mulher, por exemplo: lindo, esperto, rico, bonita etc. Há, ainda, a restrição provocada pelos artigos que só determinam os seres binários.

Para quebrar esse paradigma linguístico-social, a crescente discussão sobre a teoria *queer* no Brasil propõe um desmembramento das relações de identidade de gênero e sexualidade. Com isso, grupos LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais,

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário Priberam, “cis” significa “para cá” ou “aquém de”. Esse termo tem sido usado em oposição a “trans”, que, também de acordo com o Priberam, significa “além de”, “para além de” “em troca de”, e, no mesmo contexto discursivo, se refere àqueles cuja identidade de gênero é diferente de seu sexo atribuído no nascimento.

travestis, transexuais, *queer*, outros) passaram a ter, ainda que mínima, uma representatividade em vários cenários sociais, inclusive na língua escrita.

Diante disso, fiz algumas escolhas para conduzir este trabalho. Na intenção de que meu texto represente o maior número possível de leitores e sabendo da minha grande responsabilidade de militância nas causas sociais referentes ao público LGBTQ+, decidi abdicar da comodidade do uso binário do gênero. Usar marcações binárias masculinas me colocaria em contradição. Fazê-lo excluiria, por exemplo, homens *cis* e transexuais. Eu poderia usar um sujeito neutro, entretanto eu desconsideraria o desejo pessoal que me move a produzir este texto: o manifesto de representação social do público LGBTQ+.

Assim, peço licença às normas gramaticais para criar *meus* neologismos com o propósito de neutralizar o binarismo, sem desvalorizar a figura feminina, enaltecendo aqueles que não se veem dentro das malditas caixas sociais construídas preconceituosamente. Usarei os símbolos x, e e @ como (*des*)marcação binária.

Entendo que a leitura ficará truncada. Mas a causa social em questão vai além do comodismo proporcionado pelo binarismo ao qual estamos acostumados. Por isso, acredito que @s leitorxs entenderão minha faceta. Ao texto!

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A teoria *queer*: o início da representatividade LGBTQ+**

Na década de 1990 do século XX, surge nos Estados Unidos a teoria *queer*, com o propósito de questionar, radicalizar, transformar e problematizar, dando voz, assim, a uma singela minoria de pessoas que estavam às margens da centralidade da sociedade heteronormativa. Dessa forma, a teoria *queer* passou a representar essa minoria com suas diversidades e multiplicidades sexuais e de identidade de gênero.

Com o propósito de teorizar as sexualidades gays e lésbicas, Teresa de Laurentis, na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, inicia uma discussão que posteriormente propõe à sociedade uma reflexão sobre sexo e sexualidade, retirando a homossexualidade da lista de patologias. Embasada pela teoria

foucaultiana do poder, a teoria *queer* problematiza o lugar privilegiado ocupado, apenas, pelo binarismo:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que se não diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2003, p. 30).

Ademais, é importante destacar que a teoria *queer*, ao discutir o binarismo, não pretende extingui-lo. Pelo contrário, a proposta é (re)pensar esta dicotomia, binarismo e não binarismo, percebendo seus entraves, questionando suas construções e ressignificando os lugares sociais dos homens e mulheres (*trans* e *cis*) e das pessoas não binárias.

Ainda sobre a teoria *queer*, é importante destacar a relevância dos estudos realizados pela pesquisadora norte-americana Judith Butler acerca do pensamento inteligível e social sobre a exclusividade da existência de uma identidade, de ordem metafísica. Butler (2017), em *Problemas de Gênero*, discute acentuadamente as mais variadas formas de identidade humana, questiona as relações de sexo e sexualidade e propõe uma subversão da identidade em virtude do feminismo.

Por isso, Judith Butler é um referencial internacional no que tange às discussões acerca do binarismo. Já em terras brasileiras, Guacira Lopes Louro, professora doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é símbolo das discussões sobre gênero, sexualidade e educação. Em “O corpo estranho”, Louro afirma:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser intrigado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referencial; um jeito pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecidível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (2004, p. 7,8).

Por tudo isso, essas mulheres, por meio de suas produções, endossam a necessidade de discutir a ocupação de *corpos estranhos* nos espaços sociais.

Ademais, para entender o caráter vital da diversidade da orientação sexual e de gênero, é necessário atentarmos para alguns conceitos importantes sobre elas. Durante muito tempo vigorou a crença de que a identidade de gênero e a sexualidade de mulheres e homens já estava totalmente programada biologicamente, antes mesmo do nascimento, e de que o natural eram as relações e instintos heterossexuais. No entanto, ambas constroem-se a partir da experiência interna e individual de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento.

A identidade de gênero inclui o senso pessoal do corpo, no qual, para que haja uma coincidência entre identidade e estrutura biológica, podem ser realizadas, por livre escolha, modificações estéticas ou anatômicas entre outras. Assim, os seres humanos podem legitimamente não se identificar com o gênero socialmente atribuído a eles, não sendo o sexo biológico o que determina a identidade de gênero de uma pessoa, mas sim um processo complexo e espontâneo para o qual contribuem uma multiplicidade de fatores.

De acordo com a OMS (1975),<sup>4</sup> a sexualidade é parte integrante de cada um de nós, e a vivência da sexualidade é própria de ser humano, constituindo uma dimensão de sua liberdade e estando relacionada à busca do prazer físico e emocional. Nesse sentido, a sexualidade é um processo que se inicia em nosso nascimento, porém, envolve, além de nosso corpo, nossa história, nossos costumes e a nossa cultura.

Pensando nisso, podemos compreender que são mitos que estabelecem as fronteiras simbólicas criadoras de barreiras entre os grupos sociais, valorizando um em detrimento do outro. Passados de geração a geração, esses mitos narram e explicam as origens dos preconceitos.

Isso é corroborado pela definição de Madureira (2007), segundo a qual o preconceito fundamenta-se em uma construção cultural e histórica de caráter relacional com forte enraizamento afetivo, que acaba por constituir barreiras culturais entre grupos sociais e entre indivíduos. Considerando que o desenvolvimento individual passa pelas relações sociais, históricas e culturais, o preconceito traz implicações no plano das interações travadas no aqui- agora e no plano subjetivo, na forma como @ sujeitx vivencia, em termos cognitivos e afetivos, suas experiências

---

<sup>4</sup> Organização Mundial de Saúde

cotidianas e organiza sua compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo em que está inserido.

## **2.2 As marcações não binárias em textos e a revisão**

Toda discussão acerca das questões de gênero, fomentada pela teoria *queer*, propõe uma reflexão sobre a representatividade de uma minoria (não binária) nos mais variados contextos sociais, inclusive na língua escrita. Diante disso, como etapa de realização deste trabalho, foi realizada uma coleta de textos: informativo de um sindicato, roteiro de admissão de alunos novat@s de uma escola privada, descrição sobre um curso de pós-graduação e mensagem, via *e-mail*, de um setor de apoio acadêmico para uma turma de um curso, também de pós-graduação. As instituições produtoras desses textos estão localizadas em Belo Horizonte/MG. Por uma decisão ética, a identidade delas será mantida em sigilo.

Partindo do pressuposto de que todos os textos mencionados, antes da publicação/envio, passam por uma revisão textual (seja do próprio autor ou de um terceiro), esta etapa do trabalho procurou observar a presença do léxico com ausência de desinência de gênero. Uma vez que esses textos não estivessem “rendidos” ao comodismo do binarismo, seria possível concluir que as instituições que os produziram percebem a multiplicidade de gênero e, por isso, entendem a necessidade de os textos serem feitos para todes. Além disso, ainda seria possível destacar que essas instituições corroboram o pensamento de Butler, quando ela afirma que

gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normatização do masculino e do feminino se manifestam junto às formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo [...] Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode ser muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados (2017, p. 253).

Entretanto, todos os textos analisados reforçam a construção binária de gênero. Ao observar as escolhas lexicais, os textos *representam* seus interlocutores, exclusivamente, de forma binária. O primeiro texto é de autoria de um sindicato que propaga para @s sindicalizadas a oferta de bolsas de estudos para @s dependentes:

As bolsas de estudo, como outras cláusulas da Convenção Coletiva de Trabalho, são uma conquista coletiva e histórica da categoria, destinando-se aos professores em efetivo exercício do magistério na rede privada de ensino.

O direito à bolsa foi conquistado através da luta dos professores, sendo que somente com a mobilização de todos se pode garantir os direitos constantes no Instrumento Normativo de Trabalho.

– De acordo com o Instrumento Normativo de Trabalho, têm direito a requerer bolsa:

– Professores sindicalizados e em efetivo exercício do magistério na rede privada de ensino;

– Professores aposentados que tenham trabalhado os últimos 5 (cinco) anos antes da aposentadoria na rede privada de ensino. (TEXTO DE SINDICATO).

A seleção lexical do texto do sindicato por meio de “aos”, “dos”, “professores”, “aposentados” etc. aduz à construção binária. Diante disso, é possível entender que há, nesse sindicato, apenas pessoas binárias masculinas. Contudo, é “compreensível” essa triste realidade, porque seria inimaginável um @ pessoa transexual agênero ter a profissão assistida por esse sindicato e conseguir atuar sem represálias e com representação.

O texto seguinte foi produzido por uma instituição privada de ensino com o propósito de captar alunes novates:

Começa, na próxima segunda-feira (20/08), o período de inscrição eletrônica de candidatos ao Processo de Admissão de Alunos Novatos para o 1º Ano do Ensino Fundamental no Colégio XXXX em 2019.

A inscrição eletrônica poderá ser feita a partir das 8h no link disponível na primeira página e na área Admissão do site do Colégio XXXX. O período de inscrição termina às 18h do dia 28 de setembro. Na área Admissão do site, há um TUTORIAL para auxiliar o responsável a realizar essa etapa do processo. Somente serão aceitas inscrições de candidatos(as) que tiverem completos ou completarem 6 (seis) anos até 30 de junho de 2019.

A confirmação presencial da inscrição, com entrega de documentos indicados no Edital, é etapa obrigatória do Processo de Admissão e deverá ser feita até quatro dias úteis após a inscrição eletrônica, na Secretaria Geral do Colégio, das 8h às 17h. No dia 15 de setembro,

acontecerá a Atividade Lúdica para candidatos inscritos, no turno da manhã, das 8h às 9h30 e das 10h30 às 12h, e no turno da tarde, das 13h30 às 15h (TEXTO DE UM COLÉGIO PRIVADO).

O texto emitido pelo colégio demonstra, por meio das escolhas lexicais, o binarismo de gênero. Ao observar os termos “candidatos” e “as” é possível concluir que não há, nessa instituição de ensino, nenhum edital que tenha o propósito de captar alunos transgressorxs dos padrões heteronormativos. Por outro lado, é notória uma incongruência no binarismo presente no texto. Ora há uma predominância de terminologias binárias masculinas, indiciada por “alunos”, “novatos”. Ora o binarismo contempla feminino e masculino: “candidatos” e “as”.

O texto adiante foi extraído do *site* de uma instituição privada de ensino superior que propagou para o público, “de um modo geral”, a oferta de um curso de pós-graduação *lato sensu*:

A própria aula em si é aqui tomada, em seu planejamento e proposta pedagógica, como atividade criadora. Nesse sentido, potencializa-se a conexão entre prática criativa e conhecimento, o que oferece subsídios para o desenvolvimento de propostas de singulares apropriações de currículos e conteúdos disciplinares, sempre pensando nos sujeitos que atuam no processo educacional: estudantes, educadores e gestores do campo pedagógico. O curso Educação Criativa tem como público prioritário: professores do ensino fundamental, do ensino médio e do ensino superior, arte-educadores e pedagogos (TEXTO DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA).

Mais uma vez, é possível perceber a predominância binária masculina no texto. A utilização lexical dos termos “professores”, “educadores”, “gestores” e “pedagogos” aponta que tal curso não foi idealizado para alunxs não binárias, tampouco para pessoas binárias femininas. No entanto, o público que procura esse curso é, em sua maioria, composto por pessoas binárias femininas.

O último texto observado foi destinado, via *e-mail*, para uma turma de um curso de pós-graduação *lato sensu*. O objetivo do texto era informar à turma acerca do rito de entrega do trabalho de conclusão de curso:

Prezados, boa tarde.  
Informo, que, a data final para entrega do trabalho de conclusão do curso de Revisão de Textos Of. 9 será até o dia 15/09/2018.  
Cada aluno deverá entregar individualmente, um envelope contendo:  
\* 02 cópias impressas (encadernadas em espiral) do artigo.

\* Uma cópia eletrônica em arquivo Word ou PDF gravada em CD (TEXTO DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA).

Esse texto mostra claramente que seus interlocutores são, exclusivamente, binários masculinos: “Prezados” e “alunos”. Entretanto, nessa turma em questão, havia apenas três pessoas do sexo masculino que se identificavam como tal, o restante da turma era composta por, aproximadamente, 15 (quinze) mulheres *cis*.

Diante disso, algumas indagações são levantadas: os produtores desses textos compreendem a diversidade de gênero? Será que elxs sabem que, ao se acomodarem no binarismo, excluem interlocutorxs avessos à heteronormatividade? Até quando o binarismo existirá em detrimento da diversidade? Quando a gramática *conseguirá perceber* a multiplicidade de gêneros que existe? Nesse contexto, qual(is) é(são) o(s) papel(éis) dx revis@r de texto?

### **2.3 Xs revisor@s de textos: norma gramatical x representatividade social**

Os questionamentos realizados anteriormente seriam facilmente respondidos se parássemos para perceber a naturalidade com a qual o binarismo foi, socialmente e preconceituosamente, inserido na língua escrita.

Ademais, um detalhe proporcionou mais um viés para este trabalho. Os quatro textos apresentados no item 2.2 desta pesquisa despertam uma curiosidade: as relações preconceituosas dentro do próprio binarismo. É notório que a figura da mulher aparece na condição de coadjuvante nos textos escritos. Essa situação é compreendida ao percebermos o emprego de nomes masculinos para denotar seres humanos cujo gênero não é conhecido ou relevante (ex.: o *homem* é responsável pela preservação do planeta); a concordância de predicados com pronomes que não distinguem entre os gêneros feminino e masculino (ex.: quais são os direitos de quem foi demitido?); e a concordância de predicados com sujeitos compostos por gêneros diferentes (ex.: o homem e a mulher são donos da sociedade que atuam.). Caldas-Coulthard já chamava a atenção para essa questão, citando Erick Fromm:

Um caso especial de masculino como forma não marcada é o uso da palavra “homem” para significar a “raça humana”. A facilidade com que os homens podem se esquecer do significado genérico pode ser ilustrada na tão citada observação de Erick Fromm de que “os interesses vitais do Homem são a vida, a alimentação e o ‘acesso às

mulheres” (FROMM, 1949 citado por CALDAS-COULTHARD, 2007, p. 238)!

Por isso, além da dicotomia entre binarismo e não binarismo, há também outra discussão que precisa ser considerada: a posição de inferioridade ocupada pela figura feminina na língua escrita. Todavia, a predominância do sexismo machista nos textos nos permite uma reflexão de como a sociedade pensa/realiza as mais variadas relações, levando em consideração um gênero em detrimento de outro.

Diante desse cenário, existem *xs* revisor@s de textos que possuem duas possibilidades: se renderem à norma gramatical (e todo seu preconceito linguístico) ou pensarem e proporem textos sensíveis às causas sociais, como a discussão de gênero.

Por outro lado, entendo que essa tarefa coloca *x* revis@r em uma situação desconfortável, uma vez que a subversão de conceitos da sociedade não é objetivo de muitos. Embora o não questionamento seja pré-requisito fundamental na perpetuação da ignorância social, não é propósito deste trabalho assumir um cunho injuntivo que norteará *x* profissional da revisão de textos a agir de modo passivo ou ativo diante das questões de gênero. Pelo contrário, aqui proponho uma reflexão discursiva, que tem como objetivo representar aquelas que não são representadas pela própria língua.

Por isso, além da discussão sobre binarismo, neste trabalho a utilização dos símbolos *e*, *x* e @ foi proposital: a gramática (e todas as suas normatividades) não pode ser utilizada como fator de anulação de pessoas não binárias e de exclusão da figura feminina devido à predominância sexista machista. É preciso retomar a origem da discussão – a teoria *queer* – e percebê-la como prelúdio necessário à causa social em questão.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho apresentou uma discussão quanto à necessidade de representatividade de corpos *trans* nos mais variados contextos sociais. Na língua escrita, *xs* revisor@s de textos têm um papel fundamental no que se refere à marcação binária dominante.

Mesmo diante de um cenário onde a masculinidade machista insiste, por meio da gramática normativa, em se colocar como representante de todos, todas e todes; há, mesmo que em pequenos passos, progressos que visam explicitar aqueles que são invisíveis à língua escrita. Em 2012 foi sancionada pela ex-presidenta Dilma Rousseff a lei nº 12.605 que dispõe sobre a flexão de gênero em nomes de profissão ou grau. Segundo o artigo primeiro da referida lei,

As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido (BRASIL, 2012, sem paginação).

Contudo, ainda há muita reflexão a ser realizada, muitas construções textuais a serem repensadas e diversas revisões a serem interpeladas. Assim, anseio o momento em que eu possa digitar sem que meu computador me mostre, com traçados avermelhados, os “desvios” gramaticais que cometo por criar meus neologismos no intuito de promover esse manifesto. Por fim, também espero que todes, sem distinção, possam ser representados pela língua escrita e, para tanto, é preciso que o olhar sensível dxs revisor @s esteja além da normatividade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.605**. Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas. 3 abr. 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12605.htm). Acesso em: 01 set. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro Colega: exclusão linguística e invisibilidade. In: **Leituras em rede**: gênero e preconceito. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 373-389.

CIS. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cis>. Acesso em: 02 out. 2018.

FROMM, Erick. **Man for Himself**: an Enquiry into the Psychology of Ethics. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1949 citado por CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro Colega: exclusão linguística e invisibilidade. In: **Leituras em rede**: gênero e preconceito. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 373-389.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MADUREIRA, Ana Flávia; BRANCO, Angela. Identidades sexuais não hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 81-90, 2007.

TRANS. *In*: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/TRANS>. Acesso em: 02 out. 2018.

### **OBRA CONSULTADA**

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.